

TRANSTORNOS PEDAGÓGICOS

Maria do Carmo de Oliveira Nogueira (UNIPAR)

Maria Regina Celi de Oliveira (UNIPAR)

Vivianne Augusta Pires Simões(UNIPAR)

RESUMO: Ao estudar a mudança do cenário nossa sociedade e professores devem redefinir os valores em que acreditam, os objetivos porque trabalham e o tipo de homem que querem formar. Este trabalho de esclarecimento é mais difícil que em épocas passadas, pois exige-se dos professores e do sistema de ensino que preparem seus alunos para um futuro muito próximo, no qual o cenário está mudando em períodos cada vez menores. Descontentes com a condição em que trabalha, e às vezes consigo mesmo, os transtornos pedagógicos constituem-se uma realidade constatada e estudada, a partir de diversas perspectivas, por diferentes trabalhos de investigação.

PALAVRAS-CHAVE: indicadores de transtornos pedagógicos, imagem do professor, contexto social e possibilidades de apoio ao professor.

ABSTRACT: When studying the change of our scenery society and teachers owe redefinir the values in that you/they believe, the objectives because they work and the man type that you/they want to form. This explanation work is more difficult than in last times because it is demanded from the teachers and of the education system that you/they prepare their students for a very close future, in which the scenery is changing in periods every time minor. Unhappy with the condition in that he/she works, and I sometimes get even, the pedagogic upset are constituted a verified reality and studied, starting from several perspectives, for different investigation works.

KEY-WORDS: indicators of pedagogic upset, the teacher's image, social context and support possibilities to the teacher.

INTRODUÇÃO

Décadas atrás o trabalho docente, magistério, era considerado um sacerdócio, atualmente com as mudanças da conjuntura socio-política-econômica, o sistema educacional tem sofrido uma crise que ultrapassa as fronteiras nacionais, ocasionando novos desafios à formação de professores.

No início da década de 80 através de relatórios e dados estatísticos sobre a saúde e das condições de trabalho de organização oficial nos países mais desenvolvidos como Suécia (1983), França (1984) e Inglaterra (89/90) verificarem-se uma alteração do perfil docente e foram detectados pelas pesquisas em todos os níveis de ensino, uns descontentamentos por parte dos professores com a condição de trabalho (problemas relacionados ao trabalho do professor em sala de aula versus mau comportamento dos alunos), salários inadequados, baixo status social, recursos materiais, mau relacionamento com os colegas de trabalho, aumento de exigências e responsabilidades desproporcionais ao tempo e aos meios que dispõe obrigando a realizar mal seu próprio trabalho, que vão configurar como esgotamento ou "transtorno pedagógico".

Hoje encontramos diversas pesquisas, as quais foram inspiradas na obra do professor espanhol José Manuel Esteve, o qual investigou as causas e as conseqüências mais evidentes do mal estar docente espanhol, como o resto dos europeus, que as condições de trabalho estão acima das submetidas por nós brasileiros, portanto é possível perceber a situação aflitiva e estressante que vão influenciar nossos docentes.

A partir dos diversos enfoques de investigação sobre as condições nas quais se exerce a docência, temos diferentes trabalhos de pesquisa com perspectiva Psicológica (falamos de estresse dos professores ou do aumento da ansiedade entre eles). Nestes trabalhos, os problemas psicológicos detectados acabam se relacionando com as condições sócio trabalhadas. Outras pesquisas adotam perspectiva Sociológica (mudanças ocorridas e na expectativa sociais que se projetam sobre os

professores e nas variações introduzidas no ambiente profissional).

Somente a partir de construção de um modelo epistemológico, organizado, que se permite uma relação entre a constatação sistemática de hipóteses e o contexto em que os fatos situam-se e do qual obtêm seu significado, é possível a partir de estudo científico, através de estratégias de ação traçar linhas de intervenção tecnológica, que aspirem solucionar problemas detectados. Ao contemplar um problema sob perspectiva geral e interdisciplinar de um modelo abrangente, as estratégias de ação podem justificar-se por sua capacidade de modificar as relações funcionais estabelecidas, do que ocorre realmente no exercício da docência.

Geralmente as investigações adotam enfoque social sobre os problemas atuais da profissão docente, relacionando-os com as conseqüências que afetam os profissionais como a violência nas aulas, esgotamento físico ou efeitos psicológicos e sua relação com outros fatores, que devem ser definidos para explicar a existência de um "mal-estar docente" como assinalou BLASE (1982) "um ciclo degenerativo da eficácia docente".

Alguns autores identificam o estresse e ansiedade como sinônimos, outros já delimitam os conceitos de "transtorno pedagógico" e "esgotamento" como "tensão", "estresse" e "ansiedade".

Estresse

Conceito de estresse refere-se a uma reação espontânea do corpo, com características fisiológicas e/ou biológicas, que ocorre quando nos deparamos com qualquer situação (estímulo-estressor) que nos confunda, aborreça, amedronte ou faça extremamente feliz.

Estar em situação de estresse, ocasionalmente, não é prejudicial ao organismo, pois este precisa reagir a acontecimentos inesperados.

A permanência neste estado provoca um desgaste

orgânica maior do que o normal, forçando o organismo a utilizar uma reserva chamada energia adaptativa. Esta reserva, contudo é limitada. O consumo constante e intenso dessa energia poderá zerar a reserva, causando um desgaste físico e mental.

Na essência, a reação de estresses é uma mobilização das defesas do corpo, a fim de responder a alguma circunstância ambiental. Representa um mecanismo bioquímico de sobrevivência que foi aperfeiçoado no decurso do processo evolutivo do organismo, permitindo aos seres humanos lutar ou fugir em situações adversas. Um dos aspectos mais flagrantes dos efeitos negativos do estresse é a redução da qualidade de vida, com reflexos negativos para seu desempenho no trabalho, absenteísmo, insatisfação, impaciência. Isso ocasiona falta e atrasos ao serviço, com queda da produtividade. A seguir discorreremos sobre as fases do estresse:

Alerta: ocorre quando existe reação a uma ação externa. Quando se percebe uma ameaça ou perigo, o organismo entra imediatamente em estado de alerta (a capacidade de resistência chega a ser mais baixa que o normal), se prepara para a ação de lutar ou fugir. Nesta fase pode surgir problema fisiológico como taquicardia, respiração acelerada e suor frio.

Resistência: é a luta do organismo contra a fase de alerta com o aumento da capacidade de resistência acima dos níveis normais que se caracteriza pelo esforço que a pessoa faz para manter seu equilíbrio interno frente as reações provocadas pelo estresse. O indivíduo pode controlar-se (neste caso o estresse passa despercebido) ou continuar estressado; Sensação generalizada de desgaste (insônia, descarga hormonal, irritabilidade); Dificuldade com a memória (esquecimento de coisas banais, pouca concentração); A tensão é a manutenção da intensidade da resistência, que aparece entre a 2.^a e 3.^a fase, mas pode haver tensão sem produzir respostas fisiológicas, mas se mantivermos esta tensão por tempo prolongado, chegamos a:

Exaustão ou Esgotamento: persistindo a situação de estresse, termina a reserva de energia adaptativa. É o estágio mais grave do estresse, onde surgem diversas doenças (hipertensão, úlcera, gastrites, fadiga crônica, diabetes, etc). Neste último estágio podem aparecer problemas psicológicos, que necessitam de cuidados médicos especializados.

Quando os sintomas se manifestam com grande intensidade, está na hora de prestar atenção séria ao estado da pessoa. Ela pode estar a caminho de um colapso mental ou de umas doenças graves, que na maioria dos casos pode ser evitada se forem levados em conta sinais de alarme. No momento, parece evidente que certas doenças, tais como: infecções, viroses, alergias, gripes e resfriados são conseqüências comuns e o fato de pessoas debilitadas serem especialmente susceptíveis a tais inimigos levou cientistas a postular que o estresse pode ser fator importante no desencadeamento dessas doenças.

Ansiedade

O conceito de ansiedade refere-se a uma reação emocional complexa, com pelo menos três componentes:

Fisiológico: Fisiologicamente (pulsação cardíaca, respiração e transpiração).

Subjetivo-Cognitivo: Cognitivamente (certos pensamentos e imagens) e são caracterizados por sentimentos subjetivos de apreensão e tensão acompanhados com uma atividade fisiológica em resposta a estímulos internos (cognitivos) ou externos (ambientais).

Comportamento-Motor: Motoramento (tremores, gagueira, tensão muscular) No conceito de ansiedade existe um componente fisiológico que poderia levar a confundir a ansiedade como o estresse. Não obstante, a ansiedade inclui o componente cognitivo sendo o elemento fundamental para estabelecer uma distinção entre ambos os conceitos.

A distinção entre o estresse e ansiedade pode ser feita, portanto com base no componente subjetivo-cognitivo.

Como já vimos, o estresse tende a recuperação do equilíbrio, colocando em jogo distintos mecanismos fisiológicos com a finalidade de conseguir uma melhor adaptação do organismo às exigências externas.

A ansiedade é considerada como estado do organismo no qual as respostas fisiológicas e motoras aparecem alimentadas por uma distorção cognitiva – implica um desajuste, uma má adaptação à realidade. Com base nisso, Polaino estabelece as inter-relações existentes entre estresse e ansiedade, afirmando que “a ansiedade é conseqüência de estresse contanto que contemplada em sua dimensão de efeito, comportamental e biológica; mas a ansiedade é causa do estresse se é entendida em sua dimensão cognitiva, intencional e subjetivo”.

Outros autores fazem a distinção entre “ansiedade como traço” e “ansiedade como estado”. A ansiedade como traço relaciona-se à “disposição para ser ansioso” como “categoria para o reconhecimento das ameaças que persistem na memória”, “ansiedade de expectativa”, “disposta a ser ansioso”. Mediante essas distorções cognitivas, que se convertem em novos estímulos ameaçadores, passa-se da ansiedade como traço à ansiedade como estado. A ansiedade como estado inclui três tipos de respostas:

Respostas somáticas (tais como aumento da aceleração cardíaca, sudorese nas palmas das mãos, etc.).

Pensamentos relativos à incapacidade de enfrentar a ameaça. Mecanismos de enfrentamento para reduzir a situação ameaçadora.

Essas definições conceituais em torno da ansiedade são sumamente importantes para entender o professor e suas conseqüências;

No caso da ansiedade dos professores, podemos deparar, portanto, com uma ansiedade positiva capaz de melhorar seu rendimento na prática do magistério, mas se levarmos em conta o aumento das expectativas projetadas sobre eles, o acúmulo de tensão pode ocasionar o desenvolvimento de uma ansiedade perturbadora, causando distúrbios mentais como a depressão.

Por último, caberia relacionar a ansiedade como a depressão. Com efeito, os indivíduos que tendem a responder aos problemas com os esquemas atributivos descritos como correspondentes à ansiedade como traço ou ansiedade de expectativa mostra uma maior tendência à depressão.

Indicadores de Transtornos Pedagógicos

Modificação no papel do professor e dos agentes tradicionais de Socialização.

Segundo Globe e Porter “em vez de se produzir uma adaptação sistemática à situação por parte dos professores em exercício e dos encarregados da formação profissional, essa ampliação do papel de professor produziu um aumento de confusão no que se refere à capacitação de que ele necessitava e a quando e como devia aplicá-la. Ou seja, produziu-se uma grande confusão com respeito à complexa e extensa função do professor”.

Sob a perspectiva dos estudos comparatistas, o alemão Mitter desenvolve idéias muito semelhantes à percepção de uma “fase do desencanto” que ele considera como fator central do exercício da docência nos sistemas educativos do Ocidente e do que começaram a se observar manifestações nos antigos Estados Socialistas do Leste e Centro da Europa.

A tese de Merazzi – diretor de uma importante escola normal da Suíça – baseia-se em três fatos fundamentais: em 1.º lugar, na evolução e transformação dos atores tradicionais de socialização (família, ambiente cotidiano e grupos sociais organizados). Entre os principais fatores que causaram essa transformação dos agentes tradicionais de socialização, destaca a incorporação em massa da mulher no mundo do trabalho e a transformação da família, abandonado as relações com outros membros e reduzindo-se a unidades menores em sua dimensão e em seu universo de relações (Banks, 1983; Musgrave, 1972).

Em 2.º lugar, o papel tradicionalmente designado às instituições escolares, com respeito à transmissão de conhecimento, viu-se seriamente modificado pelo aparecimento de novos agentes de socialização (meios de comunicação e consumo cultural de massa, etc.) que se converteram em fontes paralelas de transmissão de informação e cultura.

O conflito se instaura nas instituições escolares quando se pretende definir qual é a sua função, que valores, dentre os vigentes em nossa sociedade, o professor deve transmitir, e quais, pelo bem dos alunos, deve questionar e criticar (Globe e Porter, 1980; Elvin, 1973; Fullat, 1982).

O resto dos professores estava seguro de encontrar o apoio de todos “fazendo o que tem de ser feito”. Estudos comparados, realizados em diferentes ambientes culturais, demonstram que as conseqüências do estresse são menores naquelas sociedades em que o consenso social é grande, como ocorre no Japão e nos Kibbutz israelenses (Cooper e Crump, 1978; Kyriacou, 1981; Eden, 1977).

No momento atual, os professores se encontram com uma nova fonte de mal-estar ao pretender definir o que devem fazer, que valores vão defender; porque na atualidade perderam-se o antigo consenso, ao que se sucedeu um processo de socialização conflitivo e fortemente divergente.

A função Docente: Contestação e Contradições

Qualquer atitude do professor pode ser contestada, qualquer valor que se defenda em classe pode ser rebatido.

Essa situação é agravada pelo fato de que o professor depara, freqüentemente, com a necessidade de desempenhar vários papéis contraditórios que lhe exigem manter um equilíbrio muito instável em vários terrenos. Exige-se do professor que seja um companheiro e amigo dos alunos ou, pelo menos, que se ofereça a eles como um apoio, uma ajuda para seu desenvolvimento pessoal, mas ao mesmo tempo,

exige-se que ele faça uma seleção ao final do curso, na qual, abandonado seu papel de ajuda, deve adotar um papel de julgamento que é contraditório ao anterior.

A acelerada mudança do contexto social acumulou as contradições do sistema de ensino. O professor, como figura humana desse sistema, queixa-se de mal-estar, cansaço, desconcerto. A mudança não fez senão começar, pois, como assinala o relatório Faure (1973), a educação está agora empenhada, pela primeira vez em sua história, em preparar os homens para um tipo de sociedade que ainda não existe.

Contexto Social e Possibilidades de Apoio ao Professor

Quando se fala de seu trabalho, os educadores se sentem agredidos e vivem, coletivamente, sob o império de um verdadeiro sentimento de perseguição. Esse sentimento não carece de fundamentos objetivos: os educadores são perseguidos pela evolução de uma sociedade que impõe profundas mudanças.

Há somente alguns anos os pais se esforçavam para ensinar a seus filhos o sentido da disciplina, a cortesia e o respeito e não permitiam que seus filhos enfrentassem os professores e lhes ofereciam todo o apoio. Atualmente muitos professores se queixam de pais que se despreocuparam em oferecer aos filhos sequer valores mínimos, estão convictos que essa é uma obrigação do professor. No trabalho de Milstein, Golaszewski e Duquete (1984, p.295), ao estar as fontes de estresse nos professores, aparecem como elementos mais significativos: 1.º lugar os salários; em 2.º a falta de coerência em sua relação com os alunos; e em sua relação com os alunos; e em 3.º lugar a sobrecarga quantitativa de trabalho.

No mesmo sentido, Litt e Turk (1985) em um trabalho realizado em 291 professores da *high school* sobre as fontes de estresse e insatisfação que poderiam motivar o abandono do magistério, constatou uma maior importância dos salários inadequados e do baixo status social do que dos problemas relacionados ao trabalho do professor em sala de aula, como é o caso do mau comportamento dos alunos.

Os objetivos do Sistema de Ensino e o Avanço do Conhecimento

Muitos educadores enfrentam o mal-estar de constatar que as circunstâncias efetivamente mudaram, tornando inúteis seus desejos de manter objetivos que já não correspondem ao contexto social.

Não se trata só de que o professor precisa atualizar-se sobre o que explica para não reproduzir conteúdos defasados que poderiam expô-lo ao ridículo; como, muito, além disso, o domínio de qualquer matéria faz-se extraordinariamente difícil, até o ponto de afetar a segurança do professor em si mesmo.

O desejo de incorporar novos conteúdos, que se mostram imprescindíveis para a sociedade futura, tem como limite a necessidade de selecionar e abandonar alguns dos conteúdos tradicionalmente transmitidos pelas instituições educativas. O professor tem de empreender uma nova tarefa. Já não pode satisfazer-se em atualizar periodicamente o que aprendeu em seu período de formação. Agora muitos professores vão ter de renunciar a conteúdos que vinham explicando a anos e terão de incorporar outros que nem sequer

se falava quando começaram a ser professores. Snow concorda com Toffer na idéia de que a mudança social seguiu um ritmo muito lento até o presente século, mas que, na atualidade, o “ritmo da mudança acelerou-se tanto que nossa imaginação não é capaz de segui-lo”.

Segundo Leon (1980), que os professores tenham de encarar, necessariamente, uma crise de identidade para vencer os mecanismos de resistência à mudança e à inovação.

É significativo o dado que nos mostra Amiel (1980) de que 56% das mulheres e 45% dos homens do total da amostra não incentivariam seus filhos a serem professores, o qual traduz uma decepção, ainda que não se confesse”.

A imagem do professor

Durante o último ano, 264 mestres mudaram de atividade e os pedidos de emprego em arquivos, museus e outros lugares mais tranquilos aumentaram nesse setor. Várias centenas de docentes tiveram de recorrer aos serviços de psicoterapia do departamento de Educação.

Os principais componentes dessa imagem conflitiva, tal como aparece na imprensa, seriam: as situações de violência física nas aulas, implicando professores, pais e alunos; as demissões de conflito provocadas por confrontos ideológicos ou discrepância de valores; as baixas retribuições dos professores, sobretudo no aspecto salarial; a falta de meios materiais, instalações, aquecimento, material escolar, etc. com que se exerce a docência.

Frente a esse enfoque conflitivo, encontramos uma visão idílica que é absolutamente contraditória com a que agora vimos. Filmes muito conhecidos como *Adiós, Mister Brodie*, *Rebelión en las aulas*, *Enseñando a Rita* podem ser exemplos muito significativos. Ao se observar atentamente o conteúdo dessas produções com um cronômetro na mão, poder-se-á comprovar que somente se apresenta ao professor em sala de aula, ensinando, durante menos de 10% do tempo total de duração do filme, enquanto que a maior parte do tempo restante é dedicado a apresentar o professor em uma atividade relacional, de ajuda pessoal aos alunos, geralmente fora da sala de aula, de preferência em um lugar tranquilo em que aparece a confiança.

Com esse enfoque idílico, o professor, mais do que como educador, aparece como amigo e conselheiro. É a imagem atraente da profissão docente com que os professores – como assinalou Martinez (1984) – tendem a identificar-se; mas que, como aparece no mesmo trabalho, está muito distante da realidade dos centros educativos.

Em um primeiro momento, a formação inicial dos professores tende a estimular os estereótipos ideais, que representa o pólo positivo da imagem do professor. Isso ocorre em todas aquelas circunstâncias em que recorre a um enfoque normativo da formação do professorado, destacando o que o professor “deve” fazer ou o que o preparado para a prática do ensino. O professor iniciante ficará desarmado e desconcertado ao perceber que a prática real do ensino não responde aos esquemas ideais com os quais ele foi formado.

O encontro com a prática do magistério bastante distante dos ideais pedagógicos assimilados durante o período de formação inicial vai levar os professores a reações diversas, que Ada Abraham (1975) classifica em quatro grandes grupos: O predomínio de sentimentos contraditórios, sem conseguir

esquemas de atuação prática que resolvam o conflito entre idéias e realidade. O professor vai adotar uma conduta fluante em sua prática docente e em sua valorização de si mesmo. A negação da realidade devida à sua incapacidade de suportar a ansiedade. O professor vai recorrer a diversos mecanismos de fuga; entre eles, os de inibição e rotinização de sua prática docente são os mais freqüentemente utilizados como meio de cortar a implicação pessoal no magistério. O predomínio da ansiedade, quando o professor se dá conta de que carece dos recursos adequados para pôr em prática seus ideais e, ao mesmo tempo, manter o desejo de não renunciar a eles a de não cortar sua implicação pessoal no magistério. A contínua comparação entre sua pobre prática pedagógica e os ideais que desejaria alcançar o levará a esquemas de ansiedade quando o professor reage de forma hiperativa, querendo compensar com seu esforço pessoal os males endêmicos do magistério. As manifestações depressivas aparecem nesse mesmo esquema, quando, na comparação, o professor chega a autodepreciação, culpando-se pessoalmente por sua incapacidade de chegar à prática dos ideais pedagógicos aprendidos.

Fatores Principais

Para classificar o mal estar docente o autor José Manoel Esteve adota a indicação de BLASE, J.J., sinalizando assim a presença do mal estar docente e estresse dos professores. Dividindo em dois grupos, a saber:

Fatores Primários ou de primeira ordem – São os que incidem diretamente sobre a ação do professor em sala de aula, gerando tensões associadas a sentimentos e emoções negativas, constituindo a base empírica do mal-estar docente.

Fatores Secundários ou de segunda ordem - São os referentes às condições ambientais, ao contexto em que se exerce a docência. Aqui a ação é indireta, afetando a eficácia e diminuição da motivação do professor no trabalho.

Assim, a investigação leva em conta fatores contextuais, visto que problemas em sala são encarados como normais da sua profissão, mas os contextuais geram sentimento de desajustamento e impotência, pois os fenômenos sociais influenciam na imagem que o professor tem de si mesmo e de seu trabalho, gerando crises de identidade podendo levar a autodepreciação pessoal e profissional.

Para o autor, é possível enumerar pelo menos 12 indicadores do mal estar docente, resumindo mudanças recentes na área da educação, como veremos a seguir. Com uma idéia podemos sintetizar o papel destes fatores contextuais em relação à função docente: mudança acelerada do contexto social, influi muito no papel a ser desempenhado pelo professor no ensino, embora muitos não souberam adaptar-se as mudanças, nem as autoridades preocuparam-se em elaborar estratégias de adaptação ou programa de professores, causando desajustamento dos mesmos quanto ao significado e alcance de seu trabalho. Podemos Descrever os itens da seguinte forma:

Aumento das exigências em relação ao professor

Aumento das exigências que são feitas aos professores, com aumento significativo das responsabilidades, não é

possível exigir apenas conhecimento cognitivo, tem que ir além, "pede-se" que seja facilitador da aprendizagem, pedagogo eficaz, organizador de trabalhos em equipes, que cuide do equilíbrio psicológico e afetivo dos alunos, de sua integração social e educação sexual, e atenção aos alunos especiais.

É exigido do professor que cumpra todas essas tarefas, mas podemos observar que poucas foram as mudanças ocorridas na sua formação, os que lecionam no primário ainda são formados de acordo com os modelos normativos. Os de ensino secundário formam-se em universidades que pretendem fazer investigadores especializados, não se preocupam em formar professores.

Para os autores Goble e Porter, sinalizam as dificuldades devido a transferência da comunidade social e da família de atividades sociais e protetoras anteriores à escola, e essa transferência não foi acompanhada de mudanças na formação profissional do educador, preparando-os para enfrentar as dificuldades com êxito, e de meios para responder as novas exigências, e também as mudanças estruturais para adaptar-se às novas circunstâncias.

Não sendo feita uma adaptação sistemática à situação dos professores, em exercício e dos encarregados da formação profissional, essa ampliação, produziu um aumento de confusão quanto a capacitação docente, de que ele necessitava quando e como devia aplicá-la.

Mas Claude Merazzi – defende que nas atuais circunstâncias, um dos aspectos mais importantes da competência social dos educadores é a capacidade de viver e assumir as situações conflitivas. Propondo o preparo dos mesmos para viver os conflitos.

Inibição educativa e outros agentes de socialização

Paralelo e este processo de maior responsabilidade, registrou-se um processo de inibição das responsabilidades educativas de outros agentes de socialização, com a incorporação da mulher ao mercado de trabalho a redução dos membros e horas de convívio, passou-se para a escola a responsabilidade educativa, com relação a valores básicos que eram transmitidos no grupo familiar.

Desenvolvimento de fontes de informação alternativa à escola

O desenvolvimento paralelo de informações alternativas, os meios de comunicação de massa e cultura, obriga a mudanças no papel de transmissor do conhecimento, se faz necessário a integração aula meios de comunicação, e perderá a batalha o professor que quiser manter-se como "fonte única" de transmissão do conhecimento. Procurando facilitar a aprendizagem e a orientação do trabalho do aluno, integrando os novos meios de informação das novas fontes, modificando assim seu papel tradicional.

Ruptura do consenso social sobre a educação

Nos últimos vinte anos acabou o consenso social sobre os objetivos das instituições escolares, e quais os valores que devem ser transmitidos, embora esse "acordo" nunca fosse explícito, havia um acordo sobre que valores seriam transmitidos na educação, assim a educação reproduzia valores aceitos e convergentes para um mesmo ponto, ou seja

integrando a criança a cultura dominante. Esse modelo desenvolvido nos Estados Unidos o "cadinho" para o país era importante dentro da sua diversidade de imigrantes reproduzir um sistema baseado na idéia de democracia. Na atualidade encontramos-nos diante de uma socialização divergente: de um lado temos uma sociedade pluralista, com grupos distintos e meios de comunicação a seu serviço defendendo modelos de comunicação opostos priorizando valores diferentes e contraditórios: por outro lado à aceitação a nível de educação da diversidade da educação da diversidade própria da sociedade multicultural e multilingüe, que obriga a mudança de material didáticos e a diversificar programas de ensino.

A escolarização infantil implicou na integração de crianças com diferentes sensibilidades culturais e lingüísticas, produzidas no âmbito de uma educação familiar, ocorrendo valores distintos, não podemos estranhar assim o desajustamento e as dificuldades dos professores que atuam em áreas de grande diversidade cultural. Na atualidade se exige que o professor explicithe seus valores e objetivos educativos, o processo de socialização convergente foi substituído por um processo de socialização claramente divergente, obrigando uma diversificação na atuação do professor, pois em uma grande cidade é possível observar diferentes elementos que integram as mais variadas tribos urbanas, com maneiras de vestir e concepções de vida orientada por um conjunto de valores específicos, essas subculturas e tribos sociais nascem, florescem e desaparecem em ritmos rápidos, tornando difícil para o professor entender os alunos que as integram.

Aumento das contradições no exercício da docência

Nos últimos vinte anos com a ruptura do consenso sobre educação aumentaram as contradições do professor no exercício da sua função, pois não foi possível integrar na escola as exigências derivadas de modelos educativos distintos, estará sempre sujeito a críticas quer seja nos seus valores ou domínio metodológico, independente do modelo escolhido.

Essa situação se agrava quando o professor não assume uma posição clara de seus valores de referência, mas com uma linha de atuação clara e consciente do que procura consegue defender-se das críticas externas.

É exigido do professor equilíbrio, pois dele é exigido desempenhar papéis sociais de amigo, companheiro e de apoio no desenvolvimento do aluno, o que é incompatível com sua função seletiva e avaliadora que lhe pertencem. O desenvolvimento da autonomia de cada aluno pode ser diferente da exigência de integração social, quando a integração implica o predomínio de regras do grupo ou quando a escola funciona de acordo com certas lógicas sociais, políticas ou econômicas. São velhas contradições da própria essência da tarefa docente, adquirindo na atualidade novos contornos, incompatível com a exigência dos grupos sociais.

Mudança de expectativas em relação ao sistema educativo

Nos últimos vinte anos o sistema educativo mudou radicalmente, passando de ensino de elite, baseado na seleção de competência, para o ensino de massas, mais flexível e integrador, mas incapaz de assegurar em todas as etapas do

sistema, um trabalho adequado ao nível do aluno. Enquanto que, há vinte anos garantia status social e compensações econômicas, hoje não asseguram nada, pois os mecanismos seletivos são outros, dependem das empresas, das relações da família ou a obtenção de conhecimentos extracurriculares que não integram o sistema regular de ensino.

A evolução do contexto social fez mudar as instituições escolares, exigindo adaptação às mudanças de pais, professores e alunos, pois não é possível manter no ensino massificado os mesmos objetivos do ensino de elite, conduzindo o sistema a uma maior flexibilidade e diversificação, e em rendimentos sociais não podemos esperar resultados idênticos ao do antigo sistema, que servia a elite que mais restrita era quanto mais se avançava na escala da hierarquia social.

Modificação do apoio da sociedade ao sistema educativo

A modificação do apoio no contexto social se deu por um lado quando os pais sentiram-se largados em relação ao futuro dos filhos, a realidade mostrou que a extensão e a massificação não produzem a igualdade e a promoção social dos desfavorecidos como se esperava.

O resultado foi a retirada do apoio da sociedade e o abandono da educação como algo de um futuro melhor. Grande parte da sociedade, alguns meios de comunicação e governantes concluíram de forma simplista e linear que os professores são os responsáveis diretos do sistema, das lacunas, fracassos, imperfeições e males que existe no sistema.

Para Patrice Ranjard, que descreve em seu ensaio os “docentes perseguidos” que quando se fala de seu trabalho os educadores se sentem agredidos e vivem coletivamente sob um verdadeiro sentimento de perseguição, não carece portanto de objetivos: - *são perseguidos pela evolução da sociedade*; - seu papel mudou sob a pressão da mudança do contexto social em que ele exerce sua profissão; - modificaram-se as expectativas, o apoio e o julgamento desse contexto social sobre os educadores.

Melhor valorização social do professor

Modificou-se também, a consideração social pelo professor, sendo que o de ensino primário e, sobretudo, o professor do ensino secundário com formação universitária, até poucos anos gozavam de status social e cultural elevados.

Na atualidade nossa sociedade estabelece status social com base no salário, a idéia de saber, abnegação caiu por terra na valorização social.

Para muitos pais ter escolhido ser professor não está relacionado à vocação, mas na sua incapacidade de fazer algo melhor, ou seja, dedicar-se a outra coisa mais lucrativa em termos de salário.

Assim o salário dos professores também constitui um elemento de crise de identidade, principalmente quando o professor o associa ao aumento de exigências e responsabilidades que é exigido em seu trabalho.

A interiorização dessa mentalidade levou muitos professores a abandonar o magistério, procurando ganhos melhores em outras profissões, nos países mais desenvolvidos já começa a faltar profissional visto a perspectivas melhores fora do magistério e se torna difícil recrutar jovens. Se não melhorar os salários e os que estão no sistema melhorarem a sua imagem social a batalha será perdida por um exército desmoralizado.

Mudança dos conteúdos curriculares

O extraordinário avanço das ciências e a transformação das exigências sociais requereram uma mudança dos conteúdos curriculares.

Não é apenas estar em dia com a matéria, para não transmitir conhecimentos desatualizados, mas agora o seu domínio é mais difícil, afetando a confiança do professor, devido à falta de segurança em ensinar, em ensinar ou não conhecimentos mais úteis ou substituí-los por outros conhecimentos mais agregados. A inclusão de novos conhecimentos indispensáveis para a sociedade do futuro, exige selecionar e abandonar conteúdos tradicionalmente transmitidos pelas instituições escolares.

Assim é normal o receio a insegurança e desconfiança frente às mudanças nos currículos. Alguns pela preguiça, outros pela recusa de abandonar a matéria que sempre ensinaram, outros que se acabe com o estudo das humanidades, convertendo o ensino em servidor das exigências econômicas e profissionais do sistema de produção.

O bom funcionamento do sistema de formação dos professores deve garantir compreensão adequada dos objetivos e reformas curriculares, evitando com cursos de reciclagem a desinformação e a insegurança dos professores frente às novas mudanças que estão por vir.

Escassez de recursos materiais e deficientes condições de trabalho

A massificação do ensino e o aumento das responsabilidades dos professores não se fizeram acompanhar de melhorias efetiva de recursos materiais e das condições de trabalho em que se exerce a docência.

O ensino de qualidade é fruto de professores e não uma consequência natural de condições de trabalho adequadas às dificuldades reais e às múltiplas tarefas educativas.

A falta de recursos aparece como fator que fomenta o mal-estar docente, os que encaram a renovação pedagógica em seu trabalho são freqüentemente limitados pela falta de material didático. Muitos denunciam a falta de material necessário ao desenvolvimento da renovação metodológica que autoridades e sociedade exige, mas logo isso provoca inibição do professor.

Assim o descrédito frente a atitudes de novas reformas, visto a falta do mínimo, conscientes das novas exigências, se perguntam se as verbas serão suficientes para melhorar a qualidade de ensino.

As condições dos professores frente às ações cotidianas também são entraves a práticas inovadoras como horário, normas internas, regulamentos, organização do tempo e do espaço.

Mudanças nas relações professor aluno

Nas últimas décadas foram grandes as mudanças nas relações professor aluno. Há vinte anos a situação era injusta, o professor tinha todos os direitos e o aluno só deveres, hoje é igualmente injusta ao aluno é permitido diversas agressões verbais, físicas e psicológicas aos professores ou colegas, sem a prática de mecanismos de arbitragem teoricamente existentes. A violência também provoca insegurança e mal-estar entre os professores.

Fragmentação do trabalho do professor

Nos últimos vinte anos houve também uma grande fragmentação da atividade do professor, ou seja, profissionais fazem mal o seu trabalho, menos por incompetência e mais por incapacidade de cumprirem, simultaneamente, um enorme leque de funções, além de aulas desenvolvem tarefas administrativas, programação avaliar, reciclar-se, orientar pais e alunos, organizar outras atividades, assistir seminários e reuniões de coordenação, e também vigiar prédios e cantinas.

Lutando em frentes distintas se sobrecarrega de trabalho realizando trabalhos fragmentados, atendendo varias atividades fica impossível dominar todos os papéis.

Conseqüência do Transtorno Pedagógico

Absentismo trabalhista e abandono da profissão docente.

Atualmente em quaisquer profissões que venhamos a observar, analisar constataremos inúmeras situações que alarmam e preocupam. Dentre elas podemos verificar em meio a educação o grande número de situações contrárias ao proposto para a conquista de uma sociedade ideal. Se direcionarmos nossa atenção ao que ocorre dentro dos muros das instituições educacionais verificaremos que além de evasões por parte dos alunos perceberemos a mais preocupante delas a do “professor ausente”.

Analisando a situação de modo comparativo entre o datado pelo autor (1982) e os dias atuais observaremos que fatos já vêm ocorrendo desde então. O que podemos entender como evasão do professor?

Nas citações que serão apresentadas através dos gráficos perceberemos de modo explícito a inibição e o absentismo que nada mais são do que a inexistência de informalidade no cotidiano das salas de aulas e a necessidade de faltas periódicas para a realização de uma falsa sensação de bem estar. A partir do momento que o professor se limita a repasse do conteúdo cria uma baixa na expectativa do aluno e em si próprio em conseqüência disso o profissional se limita a preocupação de como simplesmente transferir o conhecimento.

Esta situação preocupante segundo Stern (1980) não é percebida no profissional da educação quando este ingressa no magistério, mas sim depois de alguns anos quando a falta de motivação afabilidade no recinto de trabalho, etc, começam a interferir no seu julgamento e desempenho profissional.

Repercussões negativas da prática docente sobre a saúde dos profissionais

Se analisarmos objetivamente as conseqüências desta constante insatisfação e inadequação ao ambiente de trabalho que ocorre com uma grande parcela dos profissionais educadores verificaremos que o absentismo trabalhista e a inibição do ponto de vista estatístico aparecem com maior freqüência nos gráficos do que os problemas de saúde que justificariam de modo menos ofensivo a abaxia da qualidade na educação.

Quais seriam os problemas de saúde percebidos nos levantamentos realizados?

Sentimentos de desconcerto e insatisfação ante os problemas reais da prática do magistério, em franca contradição com a imagem ideal do mesmo que os professores

gostariam de realizar; desenvolvimento de esquemas de inibição, como forma de cortar a implicação pessoal no trabalho realizado; pedidos de transferência como forma de fugir de situações conflitivas; desejo manifesto de abandonar a docência (realizado ou não); absentismo trabalhista como mecanismo para cortar a tensão acumulada; esgotamento; cansaço físico permanente; ansiedade como traço ou ansiedade de expectativa; estresse; depreciação do ego; autoculpabilização ante a incapacidade para melhorar o ensino; ansiedade como estado permanente, associada como causa-efeito a diversos diagnósticos de doença mental; neuroses reativas e depressões.

O que seria necessário para minimizar estas graves estatísticas?

Podemos dizer que a tomada de consciência por parte dos educadores seriam o ponto de partida para uma mudança no contexto social. Isto ocorreria percebendo sua real função dentro das instituições escolares que não se limita apenas ao repasse de conhecimento, mas também, o resgate do seu alunado para que estes cumpram seu papel no meio em que estão inseridos.

Estratégias para Evitar o Transtorno Pedagógico

Uma vez estudada a presença do mal-estar docente e os mecanismos pelos quais ele é produzido, Esteve (1999) nos demonstra agora, possíveis caminhos para articular soluções coerentes que evitem o aumento desse mal-estar, constatado nos últimos anos, das repercussões negativas do exercício da docência sobre a personalidade dos professores.

Para isto o autor, distingue duas abordagens:

Uma: preventiva – que irá de encontro à parte das deficiências e lacunas constatadas no período de formação inicial dos futuros professores, quando se retificarem os enfoques e incorporarem novos modelos de formação que evitem, na medida do possível, as conseqüências negativas detectada nos diversos trabalhos de pesquisa que tem sido citada ao longo desse estudo, pois como foi constatado, não só se modificou o papel do professor, como também, houve profundas modificações no contexto social e nas relações interpessoais. Assim, Esteve (1999) enfoca o fato de que se deve reformular todo o período de Formação Inicial, buscando uma maior adequação às novas exigências e problemas do ensino. A não articulação dessas mudanças preventivas incorrerá num aumento de novos professores desconcertados logo no primeiro ano de seu exercício profissional, pois a realidade prática do magistério será um mundo totalmente desconhecido para eles que estarão desarmados de recursos suficientes para dominá-lo.

Outra: articulação das estruturas de ajuda para o professorado em exercício – processo de ajuda para; professores que ainda não conseguiram uma via de atuação prática suficientemente coerente para evitar oscilações e contradições em seu estilo docente; para professores que, reconhecendo sua falta de recursos para dominar as situações de magistério, utilizaram a inibição e a rotina como meios para atenuar sua implicação pessoal diante dos problemas que lhes escapam; para os professores que mantêm o desejo de melhorar o ensino, inclusive no campo de batalhas perdidas, conduz a uma hiperatividade desnecessária; pessoal e socialmente antieconômica; produtora de ansiedade enquanto dura a ilusão da utopia e geradora de depressão quando se

descobre a inutilidade de todo o esforço empregado.

Os professores em exercício devem assimilar as profundas transformações produzidas na educação, na sala de aula e no contexto social que o rodeia, adaptando, conseqüentemente, seu estilo docente e o papel que vão desempenhar.

Para melhor compreensão dessas estratégias, devemos verificá-las como se apresentam e em que condições se prestam para evitar o mal-estar-docente.

No processo de formação inicial

Esse mal estar ocorre, de acordo com as várias pesquisas demonstradas neste estudo – implicando todos os países desenvolvidos e conseqüentemente, como no caso do Brasil – em desenvolvimento, ocorre sobre três prismas:

O primeiro fato de constrangimento é no **Processo de Seleção Inicial do Professorado** (países desenvolvidos) – algum tipo de provas referidas à personalidade dos aspirantes a professor com a finalidade de evitar o acesso à profissão docente de pessoas desequilibradas, cuja fragilidade os expõe tanto a um fracasso certo na relação educativa, quanto à possibilidade de multiplicar seus problemas produzindo efeitos psicológicos negativos sobre seus alunos (vários autores indicam a importância dessa seleção pelo fato visível do deterioramento do contexto e das condições em que se exerce a docência). Tal seleção é apresentada por Peretti como inoperante, pois se ao longo da formação docente o candidato experimentou diversas dificuldades, e por mais que esse candidato demonstre sua absoluta inaptidão para o magistério, como lhe negar a obtenção do certificado de licenciatura. Sobre este aspecto o estudo indicou diversos testes e entrevistas psicológicas em profundidade com provas rigorosas. Cada vez torna-se mais indefensável o atual sistema de formação docente baseado exclusivamente na constatação de qualidades intelectuais e de memória do aspirante (onde se exige um conhecimento suficiente maduro das dificuldades profissionais inerentes à profissão de educador) – neste sentido a estratégia seria o estabelecimento de mecanismos seletivos adequados ao acesso à profissão docente, baseada em critérios de personalidade e não simplesmente, como até o momento, em critérios de qualificação intelectual.

O segundo fato exposto – substituição dos enfoques normativos por enfoques descritivos

Enfoques normativos – programas de formação de professores orientados por um modelo de professor “eficaz” ou “bom” (conjunto de qualidades atribuídas ao “bom professor” em uma sociedade e em um momento histórico determinados – transmitindo ao professor o que deve fazer, o que deve pensar, e o que deve evitar para adequar a sua atuação educativa ao modelo proposto, “a conduta do professor é considerada como um reflexo de sua personalidade” assim, acredita-se que “bons professores” o são não pela forma em que atuam, mas pelo que pessoalmente são, obtendo-se pelo estudo do comportamento um “retrato-robô” do bom professor que foi utilizado como modelo para formação e seleção dos docentes).

A abordagem normativa é opressora e lógica, correspondendo ao estereótipo social construído e mantido com base em uma simplificação generalizadora da realidade

estereotipada. O professor formado por um enfoque normativo, tende a se culpar desde seus primeiros enfrentamentos com a realidade cotidiana do magistério, porque em muito pouco tempo descobre que sua personalidade tem muitas limitações que não se encaixam no modelo de “professor-ideal”, com o qual se identificou durante o período de formação inicial – surge então, a angústia do professor em ser “desmascarado” pois, ao mesmo tempo em que sabe estar fracassando em sua prática docente, procura manter perante os demais a imagem estereotipada do “professor-ideal” que é inatingível (dependência total da opinião dos alunos, colegas e autoridades administrativas intensificando sua ansiedade e por conseguinte, levando a destruição total de sua auto-imagem, e de sua própria autodepreciação).

A principal conclusão deste ponto, é que a profissão docente é eleita por uma concepção ideal, segundo a qual o aspirante a professor se identifica com uma imagem idílica vendo-se a si mesmo, no futuro, dedicado a um trabalho de ajuda, de relação interpessoal individual, como um sacerdócio que pouco tem a ver com a prática do magistério, onde os principais motivos da escolha da carreira docente é em primeiro lugar: “o gosto por lidar com crianças” e em segundo e terceiro: “porque tenho vocação” e “porque é uma carreira através da qual se pode melhorar a sociedade”.

Modelo descritivo – o êxito no magistério depende de uma atuação correta do professor que responda ao conjunto de condições que influem na interação professor-aluno, quando os professores iniciantes deparam com suas primeiras limitações e fracassos, questionam sua atuação, mas não começam, aos menos não desde o princípio, a questionar-se a si mesmos. Se o professor constata um fracasso, acha que deve corrigir sua atuação, estudando a realidade em que ensina, com o fim de responder adequadamente aos elementos da situação, que não domina. Estratégia – é a substituição dos enfoques normativos-idílicos, gerados de ansiedade, por enfoques da formação inicial claramente descritivos.

O terceiro fato do mal-estar – refere-se a **Adequação dos conteúdos da formação inicial à realidade do magistério** – falta de aprofundamento nos problemas práticos que postulam a psicologia da aprendizagem e a didática. Concretizam-se nas dificuldades que manifestam os professores iniciantes para tornar acessível a cada um dos seus alunos o conteúdo de ensino – problemas típicos dos professores iniciantes: dificuldade para adequar os conteúdos do aprendizado a criança com níveis diferentes e uma motivação e capacidade de abstração heterogênea; dificuldade para flexibilizar o aprendizado, utilizando metodologias e recursos complementares; dificuldade para identificar os objetivos adequados à idade e ao nível escolar dos alunos, abandonando os textos e discurso acadêmico, até conseguir uma reordenação dos conteúdos e dos materiais, hierarquizada em função de critérios de aprendizagem dos alunos; dificuldade para integrar elementos de motivação pertencentes ao âmbito de interesses reais de seus alunos; dificuldade para atender particularidades específicas de crianças problemáticas no âmbito da conduta (disciplina) ou no campo do aprendizado, sem descuidar-se do andamento geral do grupo; dificuldade para organizar seu próprio trabalho como professor de forma produtiva, sem acumular esforços desnecessários ou um ritmo de atividade, esgotamento, que em si mesmo produz ansiedade; dificuldade de contato com

os pais dos alunos e com os próprios colegas; em parte por falta de segurança em si mesmo e, além disso, por sua resistência em reconhecer que têm problemas no magistério, aceitando assim, publicamente, limitações pouco de acordo com o ideal normativo de professores que interiorizam durante o período de sua formação inicial.

As dificuldades assinaladas revelam a inadequação da concepção do papel do professor que domina os projetos de formação inicial, de imediato na prática do magistério. O curto período de formação inicial como professores é insuficiente para conseguir uma identificação com seu papel profissional de ensinadores, frente ao modelo universitário com que conviveram durante sua formação. Será no seu trabalho por tentativa de “ensaio e erro” que a maior parte desses professores construirá sua própria identidade profissional de educador adequando seu saber e os conteúdos que dominam ao trabalho específico que realizam.

Assim, para ajudar os futuros professores nesses problemas, as práticas de intervenção e avaliadas posteriormente que seguem modelos qualitativos e que propõem a pesquisa naturalista perfilam-se com as técnicas mais adequadas, pois introduz o futuro professor nos problemas que eles têm que enfrentar na prática cotidiana do magistério, dando uma ênfase especial à percepção da sala de aula como um espaço total, em cujo interior se inter-relacionam os mais diversos elementos, produzindo como resultado um determinado tipo de relação entre professores e alunos, entre estes mesmos e entre as pessoas e objetos que constituem as situações de magistério. Os esquemas propostos pela pesquisa-ação podem oferecer seu rendimento máximo aplicados ao estudo destes temas. Estratégia – a busca de uma maior adequação dos conteúdos dessa formação inicial à realidade prática do magistério, permitindo ao futuro professor tanto a compreensão e o domínio técnico dos principais elementos que modificam a dinâmica de seus grupos de alunos, quanto a dos elementos sociais cuja ação contextual acaba influenciando a relação educativa.

No processo de formação permanente

Superando o choque com a realidade, através de seu esforço e pela tentativa de “ensaio e erro”, as tensões iniciais vão se reduzindo, conforme o professor se sinta aceito pelos alunos e pelos colegas, pais e administradores, começa então, a possibilidade de auto-realização na atividade profissional do magistério, permitindo ao professor uma expressão mais pessoal do pessoal que desempenha na instituição escolar, o qual favorece sua identificação pessoal. Caracterização da auto-realização do professor utilizando os seguintes indicadores no plano na atuação em classe: confiança de que tenha escolhido um trabalho adequado; familiaridade com o conteúdo das matérias; adaptação da estrutura (dinâmica) da maior parte dos grupos; compreensão de que diferentes grupos devem ser trabalhados de forma diferente; capacidade de apreciar as reações dos alunos.

No plano do contexto social do ensino, os principais indicadores seriam: sentimento de ser aceito pelos colegas; o sentimento de ser aceito pelos alunos e seu papel de professor; sua adaptação na escola como estrutura social.

Sua comunicação aparece, ao mesmo tempo, como caminho e o obstáculo no processo que conduz a essa auto-realização no magistério.

E o isolamento aparece como a característica comum mais sobressalente dos professores afetados pelo mal-estar docente, (aspecto de defesa da identidade profissional idealizada, e ocultação de qualquer aspecto de sua prática docente em que possam ser reveladas suas limitações – por isso – esquivam-se de falar sobre seus problemas em sala de aula, evitam, a todo custo, uma comprovação objetiva de sua atuação como professor “medo de ser desmascarado”). O isolamento leva a acumulação de problemas sem resolver e favorece a aparição de outro dos obstáculos mais importantes à auto-realização do professor: a inibição e a rotina.

A auto-realização do professor supõe, necessariamente, a inovação educativa e esta é praticamente impossível se não há comunicação com os colegas (ocorre sempre com a presença de equipes de trabalho, adaptando-se e melhorando continuamente, nessa comunicação, os métodos, objetivos e conteúdos. Para ajuda do professor existem segundo vários autores, as técnicas cognitivas, técnicas de relaxamento, que no âmbito individual ajudam o professor a superar cargas e problemas fisiológicos e psicológicos, mas não acabam com o mal-estar docente, pois ele é um problema coletivo. Portanto, o apoio social é um fator determinante na aparição de “conseqüências psicológicas desagradáveis (tensão, frustração, ansiedade, esgotamento emocional), a importância do contexto social para a auto-realização do professor é igualmente destacada como decisiva e para se enfrentar o mal-estar docente, onde se deve atuar prioritariamente é sobre suas condições de trabalho e sobre o apoio que o professor recebe). para)” realizá-lo.

O transtorno pedagógico é uma doença social produzida pela falta de apoio da sociedade aos professores, tanto no terreno dos objetivos do ensino como no das recompensas materiais e no reconhecimento do status que lhe atribui. As tendências atuais, sob a pressão da recessão econômica, não são favoráveis a melhoria do ensino como meta de trabalho e como profissão.

As chaves do transtorno pedagógico encerra-se no mesmo ponto em que começou, o contexto social em que se exerce o magistério e às condições de trabalho dos professores em sala de aula. Para melhorar tal situação Amiel – lebigre propõe a necessidade de uma formação universitária superior para todos os educadores; inclusive esta medida poderia ser contraproducente, nas palavras de Kiriakou, enquanto não se aumentar o apoio social que damos a nossos professores, e nossa sociedade não deseje pôr fim à crise da profissão docente aceitando as propostas de Wangberg, de melhorar o magistério como posto de trabalho e como profissão.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

ESTEVE, J. J. O mal estar docente: a sala de aula e saúde dos professores. Bauru, São Paulo : EDUSC, 1999.

ENGUITA, Mariano. A ambigüidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarização. Teoria e Educação. Porto Alegre, Panonica, n.º 4, 1991.

NÓVOA. Antonio. Vidas de professores. Porto : Porto Editora, 1992 (Trecho selecionado).

PERRENOUD, P. Saber refletir sobre a própria prática: objetivo central da formação de professores. Tradução, mimeo, 1999.[* | incorporado.WMF *]